



Funaro, ao lado de Luís Eulálio, discute pacote com empresários



Maria da Conceição Tavares

325 Maria da Conceição apóia metas

— O presidente José Sarney cumpriu com seu dever contra a opinião de todos os demagogos e eleitoreiros que achavam que ele deveria esperar até as eleições para não prejudicar interesses eleitoreiros. Até o chefe da Casa Civil (Marco Maciel) não gostou muito, mas acabou topando — disparou a economista e assessora especial do ministério do Planejamento, Maria da Conceição Tavares, ao defender, entusiasmada, o pacote divulgado ontem.

Razoavelmente tranquila, mas deixando claro sempre seu mau-humor com as perguntas que sugeriam qualquer crítica à política oficial, a economista definiu as medidas adotadas como um "acontecimento histórico". Pela primeira vez, segundo ela, neste país se faz um plano de metas com recursos internos definidos.

— Até aqui só fizeram planos de metas sem recursos, como foi o caso do ex-presidente Juscelino Kubitschek, ou contraindo dívidas com banqueiros estrangeiros para repartir taxas posteriormente — criticou Maria da Conceição Tavares, contrariada com aqueles que ficam lamentando que a "coitada da classe média já não poderá mais ir a Miami e seus meninos já não poderão mais ver os super-heróis americanos".

A economista disse que, desta vez, só tomou conhecimento do plano oito dias antes do seu anúncio e, como sempre acontece, caiu de cama com febre alta de ansiedade e preocupação. Não foram poucos seus elogios ao

presidente Sarney e aos ministros da Fazenda e do Planejamento pela coragem demonstrada, sem maiores preocupações eleitorais. Nem menores os comentários irônicos sobre os defensores da classe média.

— Espero que passado este primeiro ataque de mau-humor e de *fradinho* a classe média concorde em pagar 25% a mais para ir a Miami e trazer menos presentes dos *shoppings*. E que concorde também que seus pequenos sonhos sejam substituídos pela possibilidade de que os filhos de outros que não podem ir a Miami possam pelo menos sobreviver — advertiu Conceição Tavares, garantindo sempre que é um grave erro atribuir ao empréstimo compulsório o caráter de confisco ou de um empréstimo sem retorno.

— Nenhuma ditadura no país se atreveu a deixar de pagar um empréstimo compulsório — lembrou a economista, referindo-se a experiências similares realizadas no setor elétrico, durante o governo do general Ernesto Geisel, e na década de 50, quando foi criado o BNDE.

— O país tem obrigação de financiar com recursos próprios e não com recursos dos banqueiros internacionais, que é uma corja na qual não se pode confiar, a produção de bens como a energia, a saúde, o transporte e a educação — argumentou Conceição Tavares, que condenou severamente os esquemas de financiamentos externos que sustentaram as metas de crescimento do período do milagre econômico.

Segundo ela, o pacote econômico permitirá elevar em valores correspondentes a 1% do Produto Interno Bruto (aproximadamente 2,2 bilhões de dólares) os gastos com programas sociais, nos próximos três anos, sem qualquer consequência no sentido da ampliação do déficit público, como afirmam alguns críticos, inspirados pelo pensamento monetarista. Na sua conta, o déficit real — "e não aquela salada que o FMI nos obrigou a fazer" — proveniente dos programas de investimentos das estatais e corresponde a cerca de 1% do PIB. Como o governo deverá arrecadar o equivalente a 2% do PIB com o empréstimo compulsório e os demais mecanismos criados, poderá, portanto, contar com a sobra de 1% do PIB para realizar os programas necessários.

Conceição Tavares não poupará críticas aos "conservadores da Associação Comercial do Rio de Janeiro" e à ladainha monetarista do vice-presidente do IBMEC, Paulo Guedes. Sobre as críticas ouvidas durante os debates da noite de quarta-feira na TV, que contou com a participação de autoridades de governos passados, ela não fez por menos:

— Falaram contra as medidas como se fossemos um bando de irresponsáveis, malucos e ladrões. Isto cansa! Os verdadeiros malucos, irresponsáveis e ladrões com ares de santos dão entrevistas à imprensa falando barbaridades. Os mesmos que deveriam estar na cadeia, mas que infelizmente não estão, lamentou Maria da Conceição Tavares.